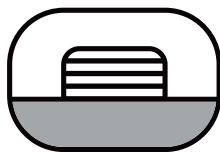
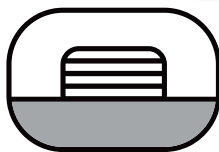
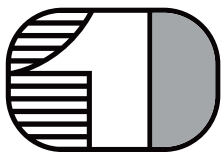




BRIZOLA



CENTENÁRIO 1922-2022

Uma aula de amor pelo Brasil



Em 22 de janeiro de 1922 nascia o Governador Leonel de Moura Brizola. Brizola, sem dúvida, foi um dos políticos mais importantes do país. Foi deputado estadual, prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal e Governador do Rio de Janeiro por duas vezes. Uma trajetória política brilhante, um símbolo na resistência democrática quando liderou a memorável Campanha da Legalidade em 1961 que garantiu a posse do Presidente João Goulart. Impossível ficarmos indiferentes ao seu legado e a sua personalidade. Viveu intensamente, como protagonista, os principais acontecimentos políticos da segunda metade do século XX. Fez história e deixou um vazio difícil de ser preenchido.





Brizola nasceu no vilarejo, hoje cidade, de Carazinho. O seu pai, José Brizola era agricultor e tropeiro. Possuía quatro carretas puxadas por bois e numa das viagens que fez para transportar erva-mate, em Nonaí, conhece Ovina Moura com quem casa e tem cinco filhos, uma menina e quatro meninos. Brizola é o filho caçula. Em 1923, seu José Brizola aliou-se aos maragatos, agrupamento político que insurgiu contra os chimangos, partidários do governador Borges de Medeiros que ficou no comando do Rio Grande do Sul por 20 anos. A guerra terminou quando o Ministro da Guerra, general Setembrino de Carvalho, intervêm e patrocina a assinatura do Tratado de Pedras Altas que determinou que Borges de Medeiros ficasse no comando do Governo gaúcho até 1928. Quando os ânimos se



acalmam os chimangos começam uma represália contra os que ficaram do lado dos maragatos. E José Brizola quando voltava de uma de suas viagens, junto com seu amigo Otávio, foi sequestrado e degolado pelas forças policiais do Governo.

A vida que já era difícil fica pior ainda. Em Carazinho não tinha professores nem médicos. Dona Ovina alfabetizou os filhos. Até dois anos de idade Brizola ainda não tinha nome, sua mãe pensou em registrá-lo como Itagiba de Moura Brizola, mas numa manhã sua irmã mais velha, Francisca, viu o menino com uma espada na mão e gritando "Eu sou Leonel Rocha". Leonel Rocha foi um dos líderes dos maragatos muito admirado por José Brizola. Vem daí o nome Leonel de Moura Brizola. Depois de um tempo dona Ovina casa-se novamente e a família muda-se para um povoado maior, em São Bento, onde os irmãos de Brizola e seu padraсто começam a trabalhar numa fábrica de madeira. Em São Bento, Francisca casa, vai para Passo Fundo e leva o jovem Brizola.



Em Passo Fundo Brizola entra na escola primária e ajuda no açougue do cunhado fazendo entrega de carne para os clientes. Brizola andava descalço, pois só tinha um sapato e o economizava para ir à escola. Passa um tempo, Otávio, o amigo de seu pai, leva o menino de volta a Carazinho. Lá o menino, com pouco mais de 10 anos, mora num porão de um hotel e tem que se virar como pode: lavou pratos em troca de alojamento e comida, engraxou sapatos, vendeu jornais, carregou malas na estação ferroviária até entrar, também, na fábrica de madeira de São Bento. Em sua segunda estada em São Bento, conheceu o reverendo Isidoro e sua esposa Elvira que se emocionaram com as dificuldades do menino e passaram a cuidar dele. Com o casal, Brizola tem pela primeira vez na vida conforto. Quando o reverendo e sua esposa saíram de São Bento, Brizola continua estudando e consegue, junto ao prefeito de Carazinho, Albino Hillebrand, uma passagem de segunda classe para Porto Alegre para matricular-se numa escola técnica.

Em Porto Alegre, para se sustentar, trabalhou como ascensorista até que as suas aulas

começassem. Quando as aulas estavam para começar tem que abandonar o emprego, pois o colégio era interno e, além do mais era em Viamão. Nas grandes dificuldades Brizola sempre encontrou uma mão para ajudá-lo como recompensa por seu esforço. O diretor da escola agrícola sensibilizou-se com a força de vontade de Brizola, o deixou dormir na escola e ainda deu dinheiro para a compra de lençóis, toalhas, ou seja, o enxoval necessário. Com 17 anos se formou e voltou para Porto Alegre onde se empregou como auxiliar de montagem numa fábrica de óleo. Com 18 anos consegue emprego de jardineiro da Prefeitura de Porto Alegre e presta vestibular para a Faculdade de Engenharia.





“Nenhuma Criança sem Escola”

*Brizola constrói 135 escolas
na capital gaúcha.*

Em 1945, já como universitário Brizola começa a interessar por política e torna-se getulista quando no Rio Grande do Sul estoura o movimento Queremista. O Queremismo foi um movimento popular que reivindicava a permanência de Getúlio na Presidência do Brasil. Brizola então entra para o PTB, ajuda a fundar diretórios por todo o Estado e, no terceiro ano de faculdade, é eleito com 3.800 votos deputado estadual. Transforma-se no principal nome da Ala Moça do PTB gaúcho e tem início sua história pública. Já em seu primeiro discurso como deputado estadual levanta uma de suas maiores bandeiras que é a educação. É reeleito para um segundo mandato na Assembleia

Legislativa gaúcha e Jango o convence que já estava na hora dele ter uma experiência no executivo e articula sua nomeação para a Secretaria de Obras Públicas na gestão do Governador Ernesto Dornelles, sobrinho de Getúlio Vargas.

Nas eleições de 1954 é eleito deputado federal, entretanto não iria cumprir o mandato até o final, pois volta para Porto Alegre em 1956, se candidata novamente a prefeito – pois tinha sido derrotado para o executivo porto-alegrense – e, dessa vez, ganha a eleição. Como prefeito pôs em prática seu slogan “Nenhuma Criança sem Escola”. Brizola constrói 135 escolas na capital gaúcha equacionando, assim, o grave problema de escolarização do município. Além de escolas, melhorou significativamente a infraestrutura da cidade bem como elevou a arrecadação da prefeitura. A gestão como prefeito o cacifou para a candidatura ao Governo e em 1958 é eleito governador vencendo o coronel Perachi Barcelos.

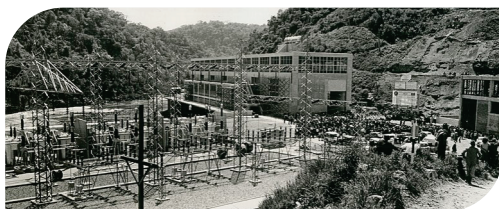


No Governo do Estado, Brizola inovou com a criação do GAP – Gabinete de Planejamento e Administração – cuja função era a planificação de todas as ações do executivo. Moderno e inovador, obcecado pelo trabalho, sua gestão foi um sucesso entre tantos fatores pela maioria de teve na Assembleia Legislativa e a opinião pública favorável. Por isso conseguiu pôr em prática seu lema “Educação Popular e Desenvolvimento Econômico”. Porém ele teve um difícil trabalho: as finanças do Estado estavam deterioradas, os índices de analfabetismo eram alarmantes, o fornecimento de energia elétrica era precário e as comunicações uma calamidade. Para levar avante seus projetos era fundamental elevar a arrecadação. Isso foi feito com a criação de um banco estadual, lançamentos de letras do tesouro com prazos e juros pré-fixados e a instituição das taxas de eletrificação, de comunicação e de educação. Houve, de fato, um aumento de impostos, contudo Brizola era um exímio comunicador e foi realizada uma ampla campanha de explicação da necessidade daqueles recursos.

Resultado de seu governo:
6.302 novas escolas entre



primário, ginásios, escolas técnicas e normais, construção de estradas, implantação da Refinaria Alberto Pasqualini do III polo petroquímico da Petrobrás, Companhia de Nitrogenado que era imprescindível para o Rio Grande do Sul e criou uma empresa de economia mista para a fabricação de aços especiais. Além de duas ações que o levaram a se tornar o inimigo número um dos Estados Unidos: a encampação das empresas de energia e de comunicações, respectivamente, a Bonde & Share e a ITT.



Usina hidroelétrica Leonel de Moura Brizola





Logo que assumiu o cargo Brizola notou que Juscelino Kubitschek com o seu programa 50 anos em 5, concentrou as indústrias no sudeste. Isso fazia com que os outros Estados fossem fornecedores de matérias-primas, o que gerava uma troca desigual onde o Rio Grande do Sul, por exemplo, saía em desvantagem. Ele entendeu que industrializar o Estado era fundamental, mas esbarrava na insuficiência do fornecimento de energia onde eram frequentes os apagões que deixavam bairros inteiros de Porto Alegre sem luz e do deficitário sistema de comunicação do Rio Grande do Sul. Brizola chamou os responsáveis pelas das empresas e tentou um acordo para a melhoria dos

serviços, mas ambas exigiram a renovação da concessão e autorização para aumento e tarifas. O problema é que sempre havia aumento de tarifas, mas nada era feito para expansão dos serviços. Como os entendimentos não avançaram, Brizola encampa as duas empresas. Para o poder econômico, para os militares, para a elite política conservadora e para os Estados Unidos, o nome Brizola vira sinônimo de subversão.

Outra inovação que o governador introduziu foi que toda sexta-feira, através da rádio Farroupilha, na sede estadual do PTB, falava para o povo. Era um programa onde Brizola explicava as ações desenvolvidas durante a semana, dava liberdade para o público se manifestar, fazer perguntas e críticas. Ou seja, não havia ato do governo que não fosse divulgado. Brizola inúmeras vezes disse que era um homem do rádio. Quando governador era um hábito receber populares no Palácio e proibiu que órgãos de segurança do Estado agissem de maneira repressiva. Isso também ele vai fazer como governador do Rio, o que lhe valeu a fama de ser conivente com o crime organizado, imagem construída, principalmente pelos meios de comunicação que sempre foram inimigos do líder gaúcho.



Mais duas ações que os conservadores jamais iriam perdoar: deu liberdade de movimentação aos sindicatos e desapropriou terras para a reforma agrária. Inclusive doou um terço das terras que herdou quando casou com dona Neusa – irmã de João Goulart – para reforma agrária. Nos acampamentos os camponeses que lutavam por terra tinham assistência do Estado. Brizola colocava médicos, enfermeiras e assistentes sociais à disposição dos trabalhadores sem-terra. Por fim, o que fez com que ele se transformasse no maior líder popular do Brasil nos anos de 1960 foi a campanha épica da Legalidade.

Indiscutivelmente, a ação mais espetacular do governador Leonel de Moura Brizola foi a Campanha da Legalidade que o projetou como o maior líder popular na segunda metade do século XX no Brasil. Em agosto de 1961, oito meses após tomar posse como presidente da República, Jânio Quadros renuncia. Assume interinamente a Presidência o presidente da Câmara Ranieri Mazzilli, pois o vice-presidente João Goulart estava fora do país numa missão diplomática pelos países

comunistas. Instaura-se uma crise no Brasil, quando os ministros militares Odylio Dennis, do Exército, Grun Möss, da Aeronáutica e Silvio Heck, da Marinha, mandam um comunicado ao congresso dizendo que não aceitariam a posse de Jango, pois acreditavam que isso ia gerar transtornos no país e que se o vice-presidente pisasse em solo brasileiro seria imediatamente preso.





Quando Brizola termina seu governo candidata-se a deputado federal pelo Rio de Janeiro e se elege. Logo inicia sua cruzada pelas reformas de base e começa a confrontar com seu adversário: Carlos Lacerda. Torna-se um dos mais combativos deputados e ao mesmo tempo o mais combatido. Desde que encampou a Bonde & Share e a ITT se transformou um dos maiores inimigos dos Estados Unidos, dos gerentes das multinacionais no Brasil, dos militares, da mídia e dos grupos políticos conservadores. Dois fatos contribuíram para inflamar esse ódio. Quando deputado federal em 1955, na hora da posse os eleitos eram chamados para fazerem seus juramentos, no instante em que o nome de Carlos Lacerda, que havia sido eleito também, foi anunciado, ele pediu um questão de ordem e disse que aquele juramento seria

falso, o que causou constrangimento em todo o plenário. Lacerda naquela ocasião tinha trabalhado para que Juscelino Kubitschek não tomasse posse.

Como deputado federal no início dos anos 1960, articulou a Frente Parlamentar Nacionalista, um grupo de parlamentares de tendências nacionalistas que pleiteavam a urgência das reformas de base: controle da remessa de lucros, a reforma agrária e o direito de voto para os analfabetos. Brizola acreditava que o Congresso só iria se posicionar a favor das reformas se houvesse manifestação popular. Lembrando a experiência de seus programas de rádio quando governador do Rio Grande do Sul, Brizola uma vez por semana utilizava a rádio Mayrink Veiga para conclamar a população à luta. A audiência ultrapassou todos os recordes e Brizola se torna o político mais influente do Brasil. Tanto que lança por essa rádio a proposta a criação do Grupo dos 11. A ideia era a formação de núcleos de 11 pessoas cujo objetivo era "a ação organizada em defesa das conquistas democráticas de nosso povo, pela instituição de uma democracia autêntica e nacionalista, pela imediata concretização das reformas, em especial as reformas agrária e urbana, e a sagrada determinação de luta pela liberdade nossa Pátria da espoliação internacional". (LEITE FILHO, 2008, p.254) Estima-se que foram formados 100 mil Grupos dos 11.



Outro aspecto de seu mandato como deputado federal, foi suas desavenças com o seu cunhado, o presidente João Goulart. Brizola achava Jango vacilante em defender abertamente as reformas. Achava-o muito interessado em estabelecer alianças com a direita do Congresso. Um dos episódios que marcou suas diferenças foi um acordo feito em segredo entre San Thiago Dantas, Amauri Kruel, Roberto Campos, Lincoln Gordon com o Governo dos Estados Unidos e as empresas estatizadas por Brizola, para que o governo brasileiro pagasse indenização milionária para elas. O governo norte-americano exigia essa indenização como condição para que renegociasse o escalonamento da dívida brasileira e emprestasse mais dinheiro ao país. Brizola ficou sabendo e denunciou o acordo como nocivo aos interesses brasileiros. Consequência: o acordo não foi fechado.

Quando Jango se viu acuado sem conseguir costurar apoios entre as mais diversas correntes políticas no congresso, defendeu com toda força as reformas de base. O comício da Central do Brasil foi o ponto alto e o penúltimo ato do governo Jango. A resposta veio imediatamente com a Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade organizada em São Paulo que reuniu em torno de 500 mil pessoas. Depois que Jango vai à reunião dos sargentos e discursa decreta o fim do

BRIZOLA



CENTENÁRIO 1922-2022

seu governo. No dia 31 de março de 1964, o general Mourão Filho sai de Juiz de Fora em direção ao Rio e tem início o golpe militar que perdurará até meados dos anos de 1980.





Um dia depois do golpe, em Porto Alegre, Brizola ainda tenta articular uma resistência, mas não tem êxito. Em maio chega a Montevideu, onde permanece por 13 anos. Nos primeiros anos de exílio ainda busca de todas as formas possíveis encontrar um meio de combater os militares. Brizola era contra as guerrilhas, pois acreditava que o revolta deveria ser dos militares juntamente com o povo. Como essa aliança se mostrou impossível, tenta duas guerrilhas, em Caparaó, no Pico da Bandeira e a guerrilha no Brasil Central. Como a primeira foi destruída, nem chega a organizar a segunda. Recolhe-se ao interior do Uruguai e passa a ser fazendeiro.

Em 1977 inesperadamente recebe uma carta do governo uruguaio informando-o que deveria

deixar o país em cinco dias. Depois de verificar a veracidade daquele ultimato, indo ao banco para retirar o dinheiro que iria usar na viagem passa em frente à embaixada norte-americana. Na época o presidente Jimmy Carter estava implantando uma política de direitos humanos, pois as denúncias de torturas nos países da América Latina, a maioria ditaduras e todas patrocinadas pelos EUA, estavam causando muitos embaraços na América do Norte. Brizola, então, decide pedir asilo político aos Estados Unidos. Em 48 horas o próprio presidente Carter autorizou sua entrada no país. Em setembro de 1977 Brizola e sua família pousam em Nova Iorque. Mas não fica nos EUA muito tempo, pois logo o seu amigo, o presidente português Mário Soares, fornece-lhe visto e passaporte e Brizola no início de 1978 foi para Portugal.



Em Portugal, com os ventos da anistia começando a soprar no Brasil e, se preparando para sua volta ao país, Brizola articula a refundação do PTB.



Promove um encontro de trabalhadores históricos em Lisboa e numa reunião na sede do Partido socialista português, com Mário Soares abrindo o encontro, entre os dias 15 e 17 de junho de 1979 produz um documento político, a Carta de Lisboa. Nesse documento estão as diretrizes que norteariam todas as ações políticas de Brizola já no Brasil, a partir do mesmo ano de 1979. A Carta tem três eixos fundamentais: salvar as crianças famintas no Brasil e acabar com o analfabetismo dos jovens; promover formas de justiça social para os negros e índios e dar atenção às reivindicações das mulheres brasileiras. "O nosso primeiro compromisso é o de reconduzir o Brasil a uma institucionalidade democrática em que todo o poder emane do povo e seja por ele periodicamente controlado através de eleições livres e diretas, nas quais todos os brasileiros de maior idade sejam eleitores e elegíveis. A República a que aspiramos há de estar defendida contra todo intento de golpismo e contra toda e qualquer manifestação de despotismo e repressão, para assegurar permanentemente ao povo brasileiro o direito elementar de viver sem medo e sem fome". (LEITE FILHO, 2008, p. 366)

No dia 7 de setembro de 1979 volta ao Brasil. Mas retorna sem estardalhaço e sua primeira parada

BRIZOLA



CENTENÁRIO 1922-2022

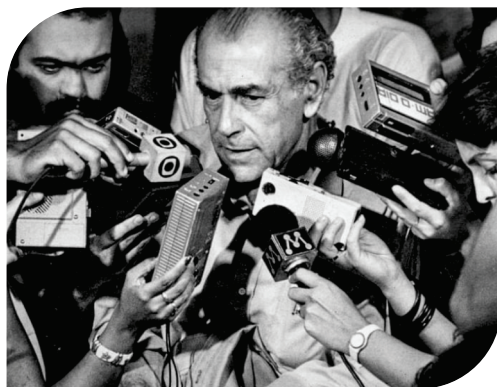
é São Borja e, nessa cidade, se dirige ao cemitério onde estão os túmulos de Getúlio Vargas e Jango. Faz um discurso e depois se dirige para a fazenda de João Vicente Goulart, filho de Jango. No mesmo dia discursa na praça de São Borja. Dias depois vai a Carazinho, cidade onde nasceu e visita o túmulo de sua mãe que tinha falecido em 1968. Após mais alguns dias no Rio Grande do Sul viaja até o Rio de Janeiro e intensifica as articulações para o novo PTB. Mas um golpe doloroso estava por vir sobre o líder trabalhista. Trabalhando nos bastidores Golbery do Couto e Silva, eminência parda do período militar, trama com Ivete Vargas, sobrinha-neta de Getúlio, para que esta fique com a sigla PTB. Quando Brizola vai à Justiça Eleitoral requerer à sigla descobre que quatro dias antes Ivete Vargas já tinha feito o requerimento. Conclusão: Brizola perde o PTB e em 1980 funda o PDT – Partido Democrático Trabalhista.





No ano de 1982 concorre nas eleições para governador do Rio. Começa com míseros 3% de intenção de voto nas pesquisas. Durante a campanha Brizola sente a animosidade dos militares e da mídia contra ele. Sem dinheiro para campanha conta com seu talento de comunicador com os eleitores. Começa a subir nas pesquisas e isso causa espanto em seus inimigos. É muito conhecido o caso Proconsult. A Proconsult foi uma empresa contratada para fazer a soma dos votos por computador – a primeira vez na história do país. Com o andamento da apuração Brizola e sua equipe desconfiam da divulgação dos resultados, pois a Globo, que fazia a cobertura das eleições, demorava muito em dar os boletins referentes ao Rio de Janeiro.

Nas apurações paralelas Brizola já estava na frente do candidato Moreira Franco do PDS e nas informações da Rede Globo, Moreira aparecia, ainda, muito na frente de Brizola. Brizola, então, reúne a imprensa internacional que cobria as eleições e denuncia a tentativa de fraude. Na época ele tinha muito prestígio fora do país. Com a repercussão a Globo cancela os boletins informativos de hora em hora que vinha divulgando e concentra as informações em seus respectivos jornais. Brizola é eleito e veio a se confirmar que havia um esquema para computar os votos brancos para o candidato Moreira Franco.



Leonel Brizola assume o governo do Rio de Janeiro e começa a pôr em prática as diretrizes da Carta de Lisboa. Seguindo sua larga experiência administrativa trata de sanear as contas do Estado, promove aumento da receita e começa a mais importante ação educacional já realizada no Brasil, a criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP's). As escolas de tempo integral que tinha dois objetivos: fornecer educação de qualidade para as crianças pobres das periferias e favelas e possibilitar que elas tivessem quatro refeições diárias. Sob a batuta do antropólogo e educador Darcy Ribeiro no que tange à organização pedagógica e Oscar Niemayer no projeto arquitetônico, os CIEP's transformam-se no alvo das maiores críticas ao líder trabalhista. Tanto à direita que dizia que os CIEP's eram muito dispendiosos, quanto à esquerda que berrava que educação não é pensão. Em suas andanças pelo mundo Brizola percebeu que em nenhum outro país havia escolas por turnos, todos proporcionavam para os seus jovens educação em tempo integral. Outra crítica pesada que recebeu foi em relação ao aumento da violência no Rio de Janeiro que a mídia fez de tudo para imputar-lhe a culpa. Brizola introduziu a política de direitos humanos no Rio e proibiu que os policiais chegassem atirando nas favelas, o que era prática comum até então. A Rede Globo não mediu

BRIZOLA



CENTENÁRIO 1922-2022

esforços para diariamente responsabilizar o governador pela violência no Rio de Janeiro. Brizola também foi enxovalhado quando começou a construção do Sambódromo. A Rede Globo também fazia inúmeras reportagens dizendo que havia o risco das arquibancadas caírem. Em contrapartida, o governo concedeu direitos de exclusividade para a Rede Manchete transmitir o carnaval, o que acarretou a primeira queda de audiência da Rede Globo. Sem contar que todas as facilidades que o presidente Figueiredo concedia aos outros Estados eram negadas ao Rio de Janeiro.





Na campanha pelas Diretas Já Brizola teve uma participação ativa, mas percebeu com o seu faro político que as eleições caminhariam para o Colégio Eleitoral. Por isso propõe que o mandato do presidente Figueiredo fosse prorrogado por mais dois anos para que a eleição de presidente coincidisse com a de deputado, assim, o chefe do executivo poderia formar maioria no Congresso que respaldasse aos seus projetos. Pensava que um presidente eleito indiretamente não seria forte o suficiente para promover as transformações que o Brasil necessitava. A história veio a comprovar que ele estava certo. Quando o presidente José Sarney lança o Plano Cruzado, em 1986, Brizola foi a única voz a denunciar o golpe eleitoral que estava sendo

armado. Pagou um preço altíssimo, viu o candidato a sua sucessão, Darcy Ribeiro, perder para Moreira Franco, apoiado pelo governo federal. O PMDB fez 22 dos 23 governadores no país. Coincidentemente logo que os novos governadores foram eleitos o Plano Cruzado mostrou a que veio, uma crise abateu sobre o país com aumentos escandalosos da inflação e das tarifas de vários serviços prestados à população. Mais uma vez Brizola estava com a razão.



Em 1989, com a mídia jogando água no moinho de Fernando Collor de Mello, este é eleito, tendo como seu concorrente no segundo turno Luís Inácio Lula da Silva. Brizola não foi para o segundo turno por 0,63% de diferença para Lula. Era a última possibilidade de o político gaúcho realizar seu sonho de chegar à Presidência da República. Brizola foi o candidato mais atacado da campanha, além de, segundo alguns assessores, perceber que quem decidiria aquela eleição seriam os meios de comunicação e ele, era o inimigo a ser abatido. Dito e feito. Mas Brizola, dois anos depois, candidata-se para governador do Rio e com 62% dos votos é eleito novamente. Reconstrói os CIEP's destruídos pela gestão Moreira Franco. Os ataques da mídia voltam com mais força e dessa vez conseguem destruir a imagem de Brizola. Nas reportagens sobre os arrastões, as chacinas na Candelária e em Vigário Geral, tudo era atribuído à "incompetência" de Brizola. Entretanto, a Rede Globo teve uma derrota histórica. O apresentador Cid Moreira do Jornal Nacional por força de um direito de resposta ganhou por Brizola na justiça lê um texto em que o governador desanca o todo poderoso Roberto Marinho em seu programa de maior audiência até então. Foram três minutos de mais um feito espetacular de Brizola. Além da violência, a aproximação com o presidente Collor iria fazer com que recaíssem sobre ele mais críticas.

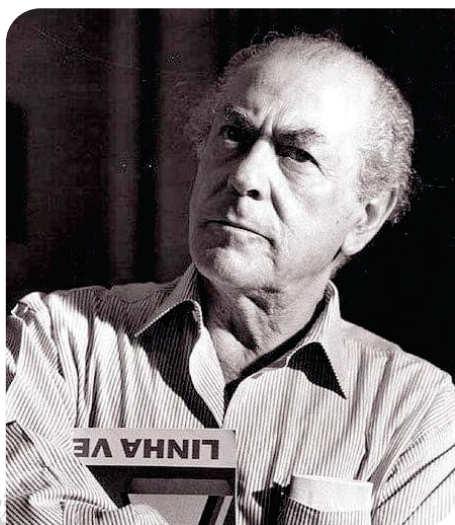
Como governador ele tinha que estabelecer boas relações com o presidente, mesmo que fossem apenas



relações institucionais. Foi através dessa aproximação que Brizola conseguiu um reescalonamento da dívida do Rio com a União que permitiu que em seu segundo mandato fosse aplicado 54% do orçamento do Estado na Educação. Além disso, Collor se encantou com o projeto dos CIEP's e começou a por em prática os Centros Integrados de Atendimento à Criança (CIAC's). O objetivo era a criação de cinco mil dessas escolas de tempo integral em todo o país até o final do seu mandato. Pode ser mera coincidência, mas foi depois da aproximação de Collor com Brizola que o presidente é inundado com críticas de corrupção que culminaram no seu impeachment.

Quando termina seu segundo mandato no governo do Rio Brizola não mais será eleito para nenhum cargo eletivo. Perde as candidaturas para a prefeitura do Rio e para o senado, também pelo Rio. Sua imagem está completamente arranhada perante a população. Brizola foi o político mais combatido pela mídia e o mais difamado. Entretanto, construiu sua vida dentro um padrão ético inatacável. Mesmo as denúncias de enriquecimento ilícito quando estava no Uruguai, feitas pela revista Veja nos anos de 1990, viraram pó ante suas inconsistências. Nacionalista, getulista e defensor da soberania nacional, contra a dominação do capital externo em nossa economia, Brizola, mesmo para seus adversários é sinônimo de bravura e dedicação as suas ideias.

“Estou pensando em criar um vergonhódromo para políticos sem-vergonha, que ao verem a chance de chegar ao poder esquecem os compromissos com o povo.”



Yago Junho é sociólogo e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Moniz. Brizola e o Trabalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 203 p.

LEITE FILHO, F.C. El Caudillo – Leonel Brizola um perfil biográfico. São Paulo: Aquariana, 2008. 543 p.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. Jangada do Sul. Casa Amarela: São Paulo, 2005. 133 p. 2014.

